

Do meu lugar nem morto: relações de topofilia no sertão do Pajeú

Ednaldo Emilio Ferraz

Resumo

Este artigo é resultado de uma jornada de dez anos de observação (sobre a topofilia rural) e de diversas conversas informais e formais com centenas de agricultores familiares, no entanto foram selecionados apenas 20 atores sociais considerados topófilos (incluindo 6 que participaram da primeira parte), o trabalho faz um comparativo entre dois períodos, 2011-2 de seca prolongada e 2020-1 chuvoso, anos considerado excelente pelos participantes. A metodologia seguiu o caminho da analogia descritiva pautada da História Oral desse estudo de caso. O objetivo do presente texto terá a intencionalidade primordial de homenagear todos os topófilos idosos (ou não) que fazem dos seus lugares (rurais) espaços de memórias, de afetos e de identidade.

Palavras-Chave: Idosos. Topófilos. Afetos.

From my place not dead: relations of topophilia in the sertão do Pajeú

Abstract

This article is the result of a ten-year journey of observation (about rural topophilia) and several informal and formal conversations with hundreds of family farmers, however only 20 social actors considered topophiles were selected (including 6 who participated in the first part), the work makes a comparison between two periods, 2011-2 of prolonged drought and 2020-1 rainy, years considered excellent by the participants. The methodology followed the path of the descriptive analogy guided by the Oral History of this case study. The objective of this text will have the primary intentionality of honoring

all elderly tophiles (or not) who make their places (rural) spaces of memories, affections and identity.

Keywords: Elderly. Topophiles. Affections.

In memoriam de Acioly de Souza Ferraz (1931-2018)

Texto integral

Introdução

Um pouco mais de uma década atrás me propus a realizar uma pesquisa de campo no meio rural nos municípios de Floresta do Navio e Serra Talhada- PE, margeando o Riacho do Poço do Negro (também conhecido como Riacho da Ema, divisa entre os municípios citados) pertencente a bacia hidrográfica do Rio Pajeú, afluente do Rio São Francisco, com idosos em idades que variavam entre 65 à 90 anos, 12 no total, em 2020-1 estão 6 vivos. A temática centrava-se na relação de topofilia desses atores sociais aos seus lugares.

Em 2012 a região “sofria” uma seca desastrosa que já durava 2 anos (LEIVAS et al, 2014). Além da situação de estiagem prolongada, outros fatores foram apontados pelos participantes que dificultavam a continuidade produtiva da agropecuária local, indicando-os redução gradativa da produção (FERRAZ, 2012). Pelo fato da condição de retração econômica e social descrita na pesquisa de 2012 convenciamos a denominá-los de opacos e em processo de opacidade, tais espaços, em referência a categoria de Milton Santos (2001) indicando os espaços geográficos que apresentam baixo teor técnico. A pergunta problema da pesquisa em 2012 era: Por que idosos em idade avançada insistiam em permanecer no meio rural em meio a seca e tantos problemas estruturais? A resposta reside na relação de topofilia ao lugar (FERRAZ, 2012). Lugar enquanto categoria geográfica, Tuan (1983, p. 83) afirma que “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”. Amplia-se a definição e arrisca-se a dizer que o lugar para esses idosos possui uma significação estendida, chegando ao “ápice relacional” com o lugar, como uma extensão concreta e abstrata de suas existências (FERRAZ,

2012). Identificou-se que suas ações sociais eram motivadas principalmente por afetos, como aponta o sociólogo alemão Max Weber (1999, p. 83) “sendo aquela que é dirigida por afetos em geral ou estados emocionais atuais”. Passados dez anos da primeira pesquisa pergunta-se, como estão os idosos que ainda estão vivos? Em período de “inverno” como se sentem? Onde estão enterrados os que já faleceram (pois em vida deixaram bem claro que queriam ser enterrados em seus lugares)?

O procedimento metodológico no qual a pesquisa se baseia são arcabouços epistemológicos básicos na construção teórica objetivando compreender o fenômeno da topofilia rural. O presente trabalho se utilizará dos métodos da comparação (analogia) e do método indutivo através da História Oral, dando um tratamento qualitativo as narrativas dos atores sociais entrevistados ou que simplesmente se ofereceram a conversarem sobre suas relações e sentimentos para com seus lugares. As perguntas que nortearam as conversas para registros documentais foram basicamente três, objetivando deixar o participante à vontade, como se estivessem em uma conversa informal de uma prosa ou palestra (como costumam falar). Sendo a primeira pergunta: Como tem sido esse ano com relação às chuvas? A segunda, Como se sente vendo o seu lugar (deixando claro na explicação para o participante o significado de lugar) com muita água? E a terceira se centrou em torno das perspectivas desses atores sociais sobre o futuro dos seus lugares.

A pesquisa de campo foi realizada nos meses de novembro e dezembro (2020), assim como entre os meses de fevereiro e março de 2021, pois, foram períodos chuvosos na região, onde se deu as observações e diálogos com um total de 20 participantes (destes estão os 6 que ainda vivem da primeira pesquisa), 12 homens e 8 mulheres, com idade entre 65 e 97 anos. Sempre respeitando as falas dos participantes na sua transcrição e utilização no presente texto, inclusive respeitando os erros gramaticais.

O recorte espacial da pesquisa ocorreu entre os municípios de Serra Talhada - PE e Floresta do Navio - PE, as margens do Riacho Poço do Negro, afluente do Rio

Pajeú (importante afluente do Rio São Francisco) que serve de divisa entre os dois municípios citados, nos seguintes sítios (na região denominadas de fazendas ou ainda ribeiras): Várzea do Icó, Lagoa Cercada, Várzea Redonda, Jericó, Sobrado e Ema, sítios com territórios em ambos os municípios. Um espaço rural influenciado economicamente em primeira instância pela cidade de Serra Talhada e em seguida pelos espaços urbanos de Floresta e seu distrito Nazaré do Pico (distrito nacionalmente conhecido pelos leitores e interessados pela temática do cangaço lampiônico) estando a distâncias médias de 50 quilômetros das cidades e a 10 quilômetros do distrito mencionado.

O presente trabalho embasou-se e respeitou as diretrizes propostas pelas resoluções 466/2012 e a 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que norteiam as pesquisas com seres humanos no campo das ciências humanas e sociais. Mantendo, portanto, a confidencialidade e o sigilo dos participantes. Assim, como em caso de dano aos participantes, estes tiveram (e tem) total direito de ressarcimento e indenização.

As ruralidades opacas e luminosas do Brasil

É comum entre os cientistas, pelos governos e pelo senso comum regionalizar os espaços e os povos por apresentar dessemelhanças ou particularidades, ora de cunho natural, ora social, ora imbricados (CASTRO, 2003). Assim também se fará para demonstrar o quanto o Brasil tornou-se heterogêneo em seu meio rural até a escala regional sertaneja, quanto às formas econômicas, políticas, demográficas, culturais, e nas relações entre as sociedades e o meio natural. Tanto com atividades agrícolas quanto não agrícolas tornaram o espaço rural diversificado (SILVA, 1999 apud HESPANHOL, 2008).

Toda estrutura regional condicionada historicamente e justaposta às recentes metamorfoses em todo território ocorridas após a crise agrária de 1929 e mais intensamente em décadas seguintes com o processo de transformação das estruturas econômicas em urbano-industrial e com a relativa industrialização rural do Centro-Sul e outras variantes, acabou estruturando territórios, denominados por Milton Santos de

espaços luminosos e espaços opacos, todavia as maiores luminosidades concentram-se onde a indústria foi mais efetiva. Tais categorias de espaços são, pelo teórico, assim caracterizadas. Chamaremos de espaços luminosos aqueles que acumulam mais densidades técnicas e funcionais, ficando assim mais aptos a atrair atividades com maior conteúdo em capital, tecnologia e organização. Por oposição, os subespaços onde tais características estão ausentes seriam os espaços opacos. [...] Os espaços luminosos, pela sua consistência técnica e política, seriam os mais suscetíveis de participar de regularidades e de uma obediência aos interesses das maiores empresas (SANTOS; SILVEIRA, 2000, p. 264). Tomando por base a classificação desse teórico, o meio rural estaria dividido em duas grandes estruturas produtivas: a que se modernizou e a que se estagnou relativamente.

Nas últimas décadas do século XX e início do XXI se percebe nitidamente a expansão dessa luminosidade para além das áreas tradicionais e chegando sob a forma de espaços “luminosos especializados” (SANTOS; SILVEIRA, 2001. p, 135) “Afirma-se uma especialização dos lugares que, por sua vez, alimenta a especialização do trabalho”. Enquanto isso, imensas áreas rurais tornam-se ainda “mais opacas”, entrando em uma retração socioeconômica, ocorrendo uma diminuição da divisão social do trabalho. Ou seja, fragmentos espaciais rurais encontram-se em risco de não perpetuação produtiva e sociocultural. Em reportagem especial da revista GLOBO RURAL (julho, 2000) intitulada “A luta dos que insistem em viver no sítio: algo mais que adeus”, tem como paisagem a região Sul, onde diversas famílias lutam para permanecer no campo, embora tenham instintivamente a percepção da extinção de suas comunidades. Embora seja o Sul retratado, veja-se um pequeno trecho dessa mesma reportagem:

O cenário escolhido é o Sul do Brasil, porque nele a dualidade entre extinção e renovação, entre tradição e futuro, revela ângulos da mais cortante transparência. Mas poderia ser em qualquer outro canto do país. (GLOBO RURAL, 2000)

Esses atores sociais que permanecem nesses espaços (aqui denominados de opacos).

As diversas ruralidades do sertão: uma proposta nossa

O Sertão historicamente dominado pelas policulturas de subsistência e de excedentes, pelos algodoads e pela pecuária extensiva e semiextensiva em estruturas fundiárias ora em latifúndios, ora em minifúndios, hoje se torna mais evidente uma expressiva heterogeneização do meio rural sertanejo, quanto aos diversos fatores, tais como: O que se planta, técnicas usadas, uso do solo, destino da produção, especialização da mão-de-obra, atração e repulsão demográfica, incentivos políticos, polarização, relação com a agroindústria, dependência do meio urbano quanto aos ditames produtivos e relações de trabalho.

Contrariando a concepção dicotômica tradicional, que atribui ao espaço sertanejo à condição absoluta latifúndio/minifúndio, pode-se mencionar as seguintes categorias agrárias que se fazem presentes, hodiernamente, no referido espaço: Um Sertão rural latifundiário improdutivo (como sinônimo de especulação); um Sertão rural latifundiário-pecuário; um Sertão rural irrigável; um Sertão rural agroecológico; um Sertão rural de assentamentos; um Sertão rural indígena; um Sertão rural de brejos; um Sertão rural especializado em turismo; e um Sertão rural em retração econômica das atividades agropecuárias (FERRAZ, 2012). Ainda, acrescenta-se hodiernamente: um Sertão rural voltadas ao lazer (chácaras) e um Sertão rural produtor de hortifrutigranjeiros fornecedores dos pequenos centros urbanos (granjas para os sertanejos do Pajeú).

Será foco deste artigo os fatos socioeconômicos que caracterizam o Sertão rural em retração das atividades agropecuárias, em áreas delimitadas do município de Serra Talhada e Floresta e especificamente às margens do Riacho da Ema, que se encontram em estado permanente de retração de sua funcionalidade na divisão territorial do trabalho regional e a situação do idoso topófilo, que vive em meio a essa retração socioespacial, no reconhecimento dos sentimentos dos idosos que viveram em períodos produtivos e que vive, hoje, uma situação de insegurança atual. Deixa-se bem claro que o presente texto percebe a heterogeneidade do espaço rural, onde, os espaços dinâmicos e “pluriativos” (em referência a pluriatividade rural) também se fazem

presentes nos espaços rurais sertanejos de Pernambuco (já mencionados em alguns dos *rurais sertanejos* apresentados acima), assim, como, nas microrregiões do Pajeú e de Itaparica. O rural escolhido tem por interesse compreender o grau de topofilia dos participantes idosos, mas, que poderia ser em outro rural, no entanto, acredita-se que os resultados seriam outros, pois, ser topófilo em espaços rurais dinâmicos possuem conteúdos subjetivos e objetivos que difere em grande medida do espaço rural escolhido. Pois, a permanência nesses espaços rurais acredita-se que são atos de resistência.

Topofilia na opacidade rural do Médio e Baixo Pajeú

A analogia entre os dados do IBGE referente à produção e à área colhida em hectares entre 2000 e 2001 demonstra que o meio rural de Pernambuco vem sofrendo retrações de cunho territorial e produtivo principalmente no que concerne aos gêneros alimentícios básicos, tais como: feijão, milho, arroz (em área colhida), e alguns destinados ao comércio: algodão herbáceo, café, mamona e outros (IBGE, 2001, apud ATLAS ESCOLAR DE PERNAMBUCO, 2003). Nos censos agropecuários realizado pelo IBGE em 1985 e 1995, constataram-se reduções quanto aos números de estabelecimentos saindo de 356.041 unidades para 258.630, mais preocupante é que ocorreu diminuição das áreas voltadas a produzir alimentos em torno de 33%, e aumento das pastagens destinadas à pecuária em torno de 29% (IBGE, 1985 e 1995-1996).

No censo agropecuário de 2006 houve um aumento significativo quanto ao número de estabelecimentos para 308.978 (IBGE, 2006), acredita-se que os responsáveis para esse aumento sejam a expansão da fruticultura na mesorregião do São Francisco e a redivisão das propriedades como herança patriarcal, mais ainda abaixo. Podemos encontrar no êxodo-rural uma das causas desse problema, onde em 2000 as cidades já representavam 76,5% de uma população de 7.918.344 (IBGE, 2000). Ainda podemos somar a isso o desenvolvimento tecnológico e acesso aos créditos de forma desigual, maior estímulo aos gêneros de exportação e as migrações sazonais diminuindo a mão-de-obra e a elevação das diárias dos temporários rurais e a estrutura fundiária injusta.

Em Pernambuco a estrutura fundiária não é diferente do resto do Brasil ocorrendo que a maioria se restringe em minifúndios com áreas menores que 10 hectares, mas que correspondem por mais 70% dos estabelecimentos, ocupando uma área ínfima de menos de 10% dos 5.580.734 de hectares (IBGE, 1995-1996). Esses estabelecimentos em sua maioria não são capazes de sustentar as necessidades básicas do núcleo familiar (SILVA, 1999), e entre os membros mais jovens, há preferências em buscar alternativas de renda nos centros urbanos colocando em risco a sucessão de produtores agrícolas e fazendo com que a média de idade no campo seja cada vez maior (HESPANHOL, 2008). Enquanto o jovem se desprende mais facilmente do campo, os idosos por motivos afetivos se tornam mais “enraizados” ao seu lugar. Sendo estes também os que mais sofrem com uma série de mudanças contemporâneas tanto no espaço rural quanto no urbano, onde se observa o avanço da tecnologia e as condições econômicas mais difíceis (MENDES et al 2005). No Brasil esse grupo etário em 2000 correspondia a uma população de 14. 536.029 milhões ou de aproximadamente 8,6% da população absoluta, em Pernambuco representavam 9,5% e em Serra Talhada 9,8% (IBGE, 2000).

No meio rural sertanejo em retração econômica (agropecuária) de Serra Talhada essa porcentagem tende a ser maior quanto aos residentes no campo, pois, percebe-se uma maior resistência em permanecer no meio rural, onde, a topofilia é extremamente visível, onde sua identidade e memória são cristalizadas no espaço, além de existir nesse fragmento espacial uma espécie de territorialismo dos senis sobre campo. Sobre essa questão relacional entre as pessoas e o seu lugar veja-se o dizer de Fernandes (2008) “[...] os sertanejos, interpretando a identidade territorial como decorrente da localidade, da vivência da cultura e como algo construído”, ainda sobre identidade territorial de acordo com Nora (1993) “lugar em que uma sociedade registra voluntariamente as suas recordações ou as reencontra como parte de sua personalidade”. Tentar-se-á compreender esse comportamento entre os idosos a luz de Weber, porquanto este tem como objeto de análise da sociologia a ação social com sentido (VILA NOVA, 2009), pelo método da interpretação e da compreensão, Oliveira (2004).

Embora o meio rural de Serra Talhada esteja em evidente retração agropecuária de estrutura familiar, os senis permanecem resistentes no campo, mesmo que praticamente dependentes da assistência previdenciária. Independentemente da renda da maioria dos idosos sertanejos do meio rural, percebe-se uma íntima relação com o lugar de vivência, pois, verifica-se que vários teriam condições de viver nas cidades e desfrutar da aposentadoria e do descanso na velhice, com os filhos ou parentes, que conseguiram se estabelecer economicamente. Mas esses idosos preferem o campo à cidade, onde poderão vir a ser excluídos ou marginalizados socialmente: Na sociedade atual, capitalista e ocidental, qualquer valoração se fundamenta na ideia básica de produtividade, inerente ao próprio capitalismo.

O modelo capitalista fez com que a velhice passasse a ocupar um lugar marginalizado na existência humana, na medida em que a individualidade já teria os seus potenciais evolutivos e perderia então o seu valor social. Desse modo, não tendo mais a possibilidade de produção de riqueza, a velhice perderia o seu valor simbólico (MENDES et al 2005, p. 424). Então pode-se interpretar essa permanência no campo como ação afetiva, pois, sendo aquela que é dirigida por afetos em geral ou estados emocionais atuais (WEBER, 1999). Enquanto jovens e adultos migram para as áreas economicamente mais dinâmicas em busca de emprego, os idosos, contudo lutam para permanecer no meio rural, podendo ser uma característica de sociedades pré-capitalistas presente no comportamento dos senis sertanejos, pois, entre os mais jovens suas perspectivas se voltariam a uma ação social com relação a fins, veja no dizer de Viana (2004, p: 2) “sendo que isto significa a predominância da ação social com relação a fins, que substitui as formas de ação social predominantes nas sociedades pré-capitalistas (ação afetiva e tradicional)”. Embora Weber anuncie uma complexa imbricação dessas ações nos comportamentos dos atores sociais ou raramente possam ser orientados apenas por uma dessas maneiras (WEBER, 1999), sendo necessário interpretar e compreender a sua causalidade, pois, estes possuem razões únicas para agir da maneira que agem enquanto agente reflexivo situado em um contexto social específico (OLIVEIRA, 2008). Em diversos casos os idosos se recolhem ao meio urbano

por questões de saúde como já elucidado acima, mas seu último pedido aos entes “é que seu enterro seja no seu lugar, junto aos seus antepassados” (frase de muitos idosos em seus últimos momentos de vida).

O lugar e a topofilia: extensão da existência?

O lugar enquanto categoria geográfica de análise e percepção do espaço em uma de suas dimensões relacionais dos indivíduos e destes com o espaço experienciado, tem-se o lugar como sinônimo cristalização de memórias, experiências, afetos, portanto, do espaço vivido, já que este se aproxima mais do indivíduo à medida que ele consegue atribuir valor a esses espaços (TUAN, 1980), valores individuais que em grande medida contribui a elaboração de sua própria identidade (espacial e social).

O lugar dos homens é o mundo do vivido em inter-relações sociais e espaciais permanentes, é onde se formulam as estruturas da produção e reprodução no sentido amplo, isto é, onde a existência social dos seres humanos é elaborada (CARLOS, 2007). Construindo relações com o mundo imediatamente vivido em sua reprodução de afeto, constituindo uma relação de topofilia. Yi-Fu Tuan afirma que:

A palavra Topofilia está associada a um “sentimento com lugar”. Nesse sentido, o estudo de percepção das atitudes e dos valores do ambiente é feito através dos conceitos de “Topofilia”, ou seja, um elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico e “Topofobia” que representa as emoções negativas, sentimentos de desafeto e aversão que pessoas têm para com determinados lugares, espaços ou paisagens (1980, p. 89)

Já a topofobia como mencionada por Tuan é uma relação com o espaço de forma negativa, caracterizada por desafeto e aversão, situação essa que o presente trabalho não tratará, mas exatamente o inverso, de afeto e enraizamento de atores sociais idosos que mantêm sentimentos profundos com os seus lugares. Tal categoria aqui tratada encontra-se na dimensão da produção de si em todas as dimensões materiais e imateriais, concretas e abstratas, “uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas,

revelando, no nível do cotidiano" (CARLOS, 2007, p. 20), com o presente trabalho tem-se a tentativa de descrever a situação relacional de atores sociais que acredita-se que em seus espaços as dimensões abordadas anteriormente pela teórica Ana Fani Alessandri Carlos encontrem-se em um mesmo fragmento espacial, pois se trata de idosos topófilos do meio rural, sendo, que no rural constituem –se como espaços de trabalhos e moradia (e lazer) imbricadamente, suas propriedades lhes servem a utilidades diversas (multifuncional), diferente dos espaços urbanos que fragmenta os lugares do homem, sua moradia dificilmente é seu espaço de trabalho (com exceção dos micro empreendedores que fazem de suas moradias espaços de geração de renda com pequenos negócios), portanto, o lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela *triade habitante - identidade – lugar* (CARLOS, 2007). No presente trabalho as três esferas (habitante – identidade – lugar) são interdependentes na configuração da topofilia geográfica, de apego e afeto ao espaço.

Do meu lugar nem morto, a fala dos topófilos de 2011-2 a 2020-1, analogia entre a seca e o “inverno” no sertão do Pajeú

A atual pesquisa se caracteriza por ser um trabalho de continuidade e de analogia de uma pesquisa desenvolvida em 2012 em um período de estiagem que provocou intensos prejuízos econômicos e psicológicos aos sertanejos ligados ao espaço rural (FERRAZ, 2012) para os participantes idosos daquela primeira pesquisa. Partindo de tal contexto de estiagem buscava-se entender a relação daqueles com os seus espaços de moradias, aqui denominados de lugar, mesmo submetidos a uma situação de grandes perdas na agropecuária. Como pode-se confirmar através de algumas entrevistas (FERRAZ) a seguir de 2012:

A situação é péssima, vai de mal a pior. O primeiro é a falta de chuva, o segundo é a falta de pessoas para trabalhar. Já para o criatório a dificuldade é a falta de pasto e também os furtos e o que resta é só umas cabecinhas de gado. Não produzo há 10 anos. (Entrevista 05, 2012).

Tá péssima, a cada dia piora. A causa principal é das secas e da falta de trabalhadores. Além dos custos ficarem bem acima dos lucros quando tem. O criatório tá difícil manter, tanto as secas quanto os salteadores fez a quantidade de animais diminuírem muito nos últimos anos. Se foram mais de 350 cabeças em menos de 5 anos. E isso é geral. Já o gado é muito dispendioso quem tem tá sofrendo muito. (Entrevista 01, 2012)

A falta de gente para trabalhar já que os mais novos estão indo embora e os velhos não trabalham mais. Faz muito tempo meu filho que vi uma boa produção que desse para vender. (Entrevista 03, 2012)

Só tristeza, antes podia criar e hoje não podemos mais, tem mais ladrão que cidadão. (Entrevista 04, 2012)

Que tristeza, imagine você criar uns bichinhos com todo trabalho e vem alguém e pega de você. Mas eu não quero o mal pra ninguém não. (Entrevista 08, 2012)

Tá péssima. A seca é a que manobra com toda ruindade do sertão, se tiver água tem o trabalhador e o pasto para os bichos se alimentarem. A culpa de tudo é da seca. Além dos ajudantes que não trabalham (se referindo aos ladrões). (Entrevista 07, 2012)

Tá difícil pra sobreviver, muito difícil. A gente ara e planta mais a chuva vai embora e a gente perde tudo. E já tá com 4 anos que não colho uma bage (vargem) de feijão. Além da dificuldade de arrumar um trabalhador, além de não trabalharem certinho, tem que dá o café, almoço e lanche. É melhor comprar o feijão, do que gastar com trabalhadores. Só tem um trabalhador de roça na região todinha. E a pecuária se não chover vai morrer tudo. Hoje mesmo perdi uma vaca, morreu de fome, não tinha nada pra dá, os bichos estão esmorecendo e a tendência é se acabar. (Entrevista 06, 2012)

Percebe-se que as respostas convergiram entre os participantes como que compartilhassem da mesma dor, da mesma percepção de tristeza em enxergarem seus lugares atrofiando com o passar dos anos, conforme envelheciam geravam tristeza, provocada pela redução da produção, apontando aqueles idosos, causas semelhantes, sendo: as secas, o desinteresse dos jovens, os roubos, a reduzida lucratividade, a falta de trabalhadores foram as mais citadas. No entanto, estes se recusaram a abandonar seus lugares, se recusaram a abandonar suas memórias, parte de suas identidades, as lembranças dos bons tempos de outrora, de onde tiraram seus sustentos e de suas famílias, enfim um fragmento espacial especial que mesmo naquelas condições avassaladoras, se sentiam seguros, protegidos, proprietários, libertos e ativos (FERRAZ, 2012), como pode-se verificar algumas respostas a seguir:

Eu adoro esse lugar, aqui tenho liberdade. Você sabe o sentimento de ir procurar no mato uma cabrinha com seu cabrito de ver os bichinhos tudo alegres com a fartura, se esse lugar chovesse todo ano não tinha lugar melhor. (Entrevista 01, 2012)

É porque sou dono da propriedade, apesar das secas eu gosto do lugar, não tenho inimizade com ninguém. Tenho saudades das coisas boas e ruins que já se passou (risos). Da mocidade não tenho saudade ainda não, pois, ainda sou moço (risos). (Entrevista 12, 2012)

Gosto daqui é uma propriedade de herança que meus pais mim deixaram e a cidade deixa a gente doido. (Entrevista 03, 2012)

E também aqui eu moro na minha propriedade e gosto de tudo isso aqui, além da liberdade de mandar no que é meu. O que é quê um vei (velho) vai fazer na rua, se eu sair daqui eu morro”. (Entrevista 07, 2012)

Gosto do meu lugar, minha filha já me chamou pra morar com ela na rua, mas não vou, porque é como uma prisão, fico o dia inteiro na casa até a hora dela voltar do trabalho. A cidade envelhece”. (Entrevista 02, 2012)

A pesquisa realizada em 2012 em um ano de grande estiagem serviu para atestar e comprovar o apego daqueles idosos aos seus lugares, pois, a situação era a mais difícil possível e aqueles atores sociais nem sequer cogitaram abandonar seus lugares (FERRAZ, 2012), muito pelo contrário desejavam que quando morressem fossem enterrados nas proximidades de seus lugares, por isso o título escolhido nos dois trabalhos, *Do Meu Lugar nem Morto*, pois este era o desejo (e que foram atendidos), pois dos 6 que morreram, 4 estão em um cemitério que atendem os sítios citados e 2 foi enterrado ao lado da casa onde viveu a vida inteira (FERRAZ, 2020-1).

No ano de 2020 a situação foi oposta aquele ano de 2012, pois, a quantidade de chuvas (pluviosidade) surpreendeu a todos os agricultores familiares nos espaços rurais visitados (FERRAZ, 2020-1), sendo que, o ano de 2020 apresentou excelentes pluviosidades no período chuvoso (Dezembro a Março), assim como entre os meses de Novembro a Dezembro, deixando em evidência a felicidade em seus rostos, tanto nas prosas, quanto nos diálogos mais sérios, mesmo em ano de pandemia, estes indicaram

que seus lugares se tornaram refúgios de proteção às suas vulnerabilidades físicas. A seguir algumas respostas selecionadas gravadas (autorizadas por alguns participantes), Ferraz (2020):

O inverno esse ano foi muito bom, deixando, nosso lugar bom demais, os bichos engordaram e as parições foram melhor ainda, esse ano se não fosse a pandemia teria sido perfeito". (Entrevista 02, 2020).

"Esse ano teve dois inverno, nem lembro quando isso aconteceu, se já aconteceu, só não plantou quem não quis, a terra ficou molhada em muitos meses". (Entrevista 05, 2020). –

2020 a Caatinga foi verde a maior parte do ano e já está de novo, olha só, assim como os bichos ficaram com o bucho cheio também a maior parte do ano, não tem como não ficar feliz, mermo com essa pandemia, o lugar foi bom, quer dizer eu mesmo me senti mais seguro aqui no sítio, o álcool já ficava ali em cima da mesa (apontando na direção). E quando era pessoas vindas da cidade só falava de longe, gente véi tu sabe... (risos do participante) (Entrevista 06, 2020)

Rapais, foi muita chuva, e as do mês passado (e referindo a novembro de 2020) foi bom, mais também trouxeram prejuízos, quebraram açudes, levaram muitas cercas, até alguns animais desceram no riacho, viram passando lá em Nazaré. Mas tá bom mesmo assim, as cercas levantamos e os açudes que quebraram os donos mandam ajeitar, bom é ter água para os bichos (Entrevista 14, 2021).

As chuvas ajudou demais esse ano, facilitou demais, a quantidade de verdura (se referindo ao pasto natural da Caatinga) manteve o gado e as cabras fortes o ano inteiro. Gosto mais ainda do meu lugar quando ta tudo verdinho. (Entrevista 01, 2020)

As respostas dos participantes em sua maioria demonstrando a principal preocupação destes quando há estiagem, sendo, primeiramente apontado quando há chuvas abundantes, os animais, seus criatórios (bovinos, caprinos, ovinos, equinos, tudo em pequenas quantidades), bem alimentados, é motivo de alegria, a Caatinga verde também foi outra menção feita por estes atores sociais, as diversas tonalidades de verdes das mais variadas espécies da flora da Caatinga também encanta os olhos do topófilo e festeja o sertanejo como se verificou nas entrevistas. As entrevistas realizadas com alguns daqueles que também participaram do estudo em 2012 (seis no total, oito anos mais velhos) foram a confirmação e a manutenção opinativa quanto a permanecerem em seus lugares. Veja a seguir:

Eita meu filho, esse ano chueu bem, se naquela seca eu não quis sair daqui, imagine nesse ano de muita chuva e o pior com essa doença aí. (Entrevista 14, 2020)

Eu mesmo ainda tenho a mesma opinião daquele tempo, mesmo mais velho, agora é que não tenho a menor vontade de sair daqui, se eu tivesse lá na cidade com algum filho acho que já tinha pegado essa doença, aqui tou mais seguro. Acho. (Entrevista 07, 2021)

Quero ir ainda não. Mesmo os filhos falando direto em mim levarem. Já disse enquanto eu puder andar e fazer alguma coisa vou ficar e quem quiser me ver, venham até aqui. Lá é bom para eles que tem algum emprego, tem seus transportes para irem para qualquer lugar e quase não param em casa. Se eu for para lá vou ficar quase preso, quero isso não. (Entrevista 17, 2021)

As respostas se mantiveram firmes mesmo passados quase dez anos, as causas ainda se mantêm semelhantes de oito anos antes, sendo: falta de liberdade, a reduzida atividade e a dependência. Para estes topófilos o lugar rural além de serem sinônimos de reprodução das necessidades básicas, são espaços que lhes dão segurança, liberdade, autonomia, conforto físico e psicológico (aqui não confundir com o conforto que se está acostumado a associar nas sociedades urbanas), interações sociais, de status e respeito.

Perspectivas (da topofilia) para o rural: o futuro do lugar para os topófilos

A topofilia rural tende a se reduzir com o passar das décadas? Acredita-se que sim. Os motivos são diversos, apontar alguns fatores é apontar de certa maneira o futuro dos espaços rurais visitados dos Municípios de Serra Talhada e Floresta no médio e baixo Pajeú. O primeiro motivo é o mais evidente, concerne a morte desses idosos, que em vida disponibilizaram em forma de energia, recursos, sentimentos e afetos sua relação com o espaço local de "topofilia profunda". O segundo motivo trata-se do esvaziamento desses espaços rurais proporcionada pela emigração dos mais jovens, pois, estes buscam melhores condições nas áreas urbanas do Estado ou se deslocam para os espaços rurais com maiores oportunidades de emprego e geração de renda. E o terceiro motivo apontado pelos participantes concerne a quase ausência do Estado em sua esfera local.

A fala sobre as perspectivas também foram colhidas entre 2020-1, assim como realizada em 2011-2. As falas-reflexivas se mantêm ou até se intensificaram quanto ao destino do espaço rural das localidades. A seguir alguns depoimentos dos participantes desenham um cenário de abandono, de inércia produtiva, de esvaziamento e de desprezo. Em resumo de degradação gradativa de seus lugares. A seguir as falas carregadas de sentimentos variados.

Meu sonho era não vê um dia isso tudo ir abaixo, mas, do jeito de vai, os mais novos indo embora e nós os mais veio morreno, como tu acha que isso vai ficar? Eu só vejo isso tudo caindo" (olhando para as cercas, casa... emocionado). (Entrevista 03, 2020)

A fala do participante carregada de dor pelo que seu lugar "espera" a médio e longo prazo, faz que alguns justifiquem o motivo de seus cuidados e esforços empreendidos para manter seus lugares cuidados e organizados enquanto vivos.

Vou cuidar enquanto eu tiver vivo, porque sei que depois ninguém mais vai se incomodar com isso, as cercas vão cair, os animais vão ser vendidos e ninguém vai mais plantar, o mato vai tomar de conta de tudo (Entrevista 14, 2021)

Outro mais emocionado exterioriza em tom poético, disse, "sou a última geração a cuidar desse lugar, o lugar dos mais novos não é o mato¹, o mato não mora neles e muito menos querem morar no mato" (Entrevista 10, 2020).

Os seis participantes da pesquisa em 2012 também deram suas impressões, mas, sem se afastarem muito do que disseram há dez anos. "Como te falei da outra vez, isso tudo vai ser abandonado, nada melhorou, na verdade muita coisa piorou, muitos amigos morreram nesses últimos anos" (Entrevista 15, 2021).

Outro participante em tom profético disse,

Se você prestar atenção o que falei em 2012 tá se confirmando mais ainda, os roubos continuaram, não tem mais pessoas para trabalhar,

¹ É como se referem os referem os florestanos e serra-talhadenses ao espaço rural.

quer dizer não tem mais mermo, quase ninguém planta, daqui mesmo não vi mais ninguém plantando para vender a maior parte. Te disse né? (Entrevista 17, 2021).

Provavelmente o participante 17 o de posição mais crítica e o que tem um olhar holístico quanto ao espaço rural, pois, segundo o participante a política local é inoperante e quando opera beneficia apenas "grupinhos". O participante em "off" citou nomes de pessoas envolvidas na política da região e que poderiam angariar recursos para melhorar as condições dos agricultores familiares, mas, disse "aqui só uns poucos se beneficiam". Embora não fosse o primeiro a citar o quase total abandono das políticas públicas nas localidades visitadas, contudo, foi o crítico mais ferrenho quanto a apontar a parcela de culpa da ausência de políticas voltadas ao pequeno produtor rural.

O participante "irônico" (e/ou sincero demais) disse,

Os políticos só querem saber de virem aqui quando tá perto da eleição, depois some e nós quem fazemos de tudo para manter tudo em pé. (Entrevista 19, 2021)

As falas dos atores sociais em 2020-1 reafirmam a situação dos espaços rurais entre 2012 a 2021, suas relações de topofilia e suas perspectivas pouco agradáveis sobre seus lugares. Explicadas por questões políticas, econômicas e culturais, deve-se pensar essas questões como complexas e de difícil resolução.

Considerações finais

Os topófilos idosos no espaço rural diminuem a cada ano, pois não são todos que querem envelhecer no meio rural e o mais natural é que os que envelheceram estão nos deixando. Estes topófilos que não sentem vergonha, mas sim, orgulho de dizerem que adoram seus lugares, sendo, para estes, um dos motivos que os mantém saudáveis mentalmente, pois corresponde a uma extensão de suas próprias existências. A pesquisa realizada no ano de 2020 e 2021 com vinte participantes elucidou a topofilia em período chuvoso em oposição ao sofrimento registrado em 2011-12, em 2020-21, mesmo

mencionando a pandemia, demonstraram felicidade ao tratar das abundantes chuvas do corrente ano, surpresos, felizes, alegres, são algumas palavras destacadas pelos idosos topófilos rurais. O presente artigo em particular veio a fortalecer a tese que um grupo numeroso de idosos, transforma o espaço em “âncora” de sobrevivência, como se depositassem sua saúde mental na relação que estes possuem com o seu lugar-território, como uma extensão de quem são.

Uma série de fatores tem transformado seus espaços, que outrora produzia sua subsistência e que hoje pouco produz como elucidado na voz dos próprios topófilos (alguns problemas em 2020-1 continuam a serem apontados), não que isso os impeçam em permanecerem, mas, os afetam psicologicamente, pois, a retração simboliza para estes “um esvaír” de suas memórias que estão impregnadas e cristalizadas em seus lugares e em suas posses.

Referências

- ANDRADE, Manuel Correia de. **Formação Territorial e econômica do Brasil**. Recife. Massangana, 2003.
- ATLAS ESCOLAR DE PERNAMBUCO (Coord. Manuel Correia de Andrade). 2ª Ed. João Pessoa: Editora Grafset, 2003.
- CASTRO, I. E de., GOMES, P. C. da C., CORRÊA, R. L. (orgs). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil. 2ª Ed, 2000.
- CARLOS, A. F. A. (Org.), DAMIANI, A. L., OLIVEIRA, A. U. de, CONTI, J. B., ROSS, J. L. S., COLTRINARI, L., PONTUSCHKA, N. N., LENCIONI, S., PINTAUDI, S. M. **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.
- _____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- FERNANDES, Glauco Vieira. **“Reterritorialização” Da Cultura Sertaneja em Luiz Gonzaga**. Universidade Regional do Cariri – URCA -CADERNOS DE CULTURA E CIÊNCIA .Vol. 3- Nº 1. 2008.
- FERRAZ, E. E. **Do Meu Lugar nem Morto**: Uma relação de topofilia num sertão em retração. ANAIS ELETRÔNICOS DO VI COLÓQUIO DE HISTÓRIA, UNICAP, Recife, 2012.
- GLOBO RURAL. *A Luta dos que insistem em viver no Sítio: Algo mais que adeus*. Ano 15, Nº 177, julho de 2000.
- GUIMARÃES, Alberto Passos. **A Crise Agrária**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HESPANHOL, A. N. **Desafios da geração de renda em pequenas propriedades e a questão do desenvolvimento rural sustentável no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. **Modernização da Agricultura e Desenvolvimento Territorial**. Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – Presidente Prudente, 2008. Disponível em : http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/.../hespanhol_a_n.pdf. Acesso em: 07 de Jul. de 2010.

JOUTARD, P. *Desafios à História Oral do Século XXI*: In: Ferreira, M.M. et all. **História Oral Desafios para o Século XXI**. Rio de Janeiro. Ed. Fiocruz (Casa de Oswaldo Cruz). FGV. (CPDOC) pp. 31-45.

MENDES, M. R. S. S. B, GUSMÃO J. L. de, FARO, A. C. M. e , LEITE, R. de C. B. de O. **A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração**. Acta Paul Enferm. 2005.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO. IBGE: **Perfil dos Idosos Responsáveis por Domicílios no Brasil em 2000**.

OLIVEIRA, Pérsio Santos de. **Introdução a Sociologia. Série Brasil**. 25ª Ed. São Paulo: editora ática, 2004.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O BRASIL: Território e Sociedade no início do século XXI**. 11ª Ed. Rio de Janeiro. Record, 2008.

TUAN, Y. -F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difiel, 1980.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Tradução Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; revisão técnica Gabriel Cohn. Brasília, DF: UnB: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

O autor

Ednaldo Emílio Ferraz

Faculdade de Integração do Sertão – FIS

Recebido em 11/2021 • Aprovado em 01/2021 • Publicado em 02/2022